

Veze e voz às crianças!



Manuella Gimenes, 5 anos, e Lucas Gabriel Gimenes, 7 anos. Marília - SP

EDITORIAL

O COMBATE AO EMPOBRECIMENTO DO SISTEMA ESCOLAR COMEÇA COM O ENRIQUECIMENTO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM

Por Stela Miller

Políticas públicas que visam a diminuir e empobrecer conteúdos destinados à formação das crianças e jovens têm endereço certo: formar corpos dóceis para manter a engrenagem do sistema sócio-econômico-financeiro do país que privilegia uma pequena camada da população e mantém a maioria em situação de pobreza quando não de pobreza extrema. Daí o surgimento de propostas curriculares que reduzem conteúdos em termos de sua abrangência e profundidade, excluem outros pertencentes às áreas científica e de humanidades, empobrecendo a formação básica das crianças e preenchendo horas de estudo com conhecimentos práticos desprovidos de base teórica.

Nessa linha de pensamento foi concebida a proposta de alfabetização, já extinta, cuja vigência circunscreveu-se ao período entre 11 de abril de 2019, com o decreto nº 9.765, que instituiu a Política Nacional de Alfabetização (PNA), e 12 de junho de 2023, com o decreto nº 11.556, que o revogou e instituiu o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada. A PNA reduzia a alfabetização a conhecimentos do sistema formal da língua, que não possibilitam o domínio da linguagem como meio fundamental de compreensão da realidade, de formação do pensamento capaz de reflexões e abstrações em níveis

complexos e de capacidade de autonomia dos sujeitos para manifestarem-se livremente por meio de suas próprias ideias.

Uma prova desse reducionismo antidemocrático e discriminador é que, no ENEN de 2023, “Das 60 notas máximas na redação, apenas 4 (pouco mais de 6%) foram feitas por alunos da rede pública”*.

Caminhando em sentido contrário, o Núcleo de Alfabetização Humanizadora, por meio de seu Boletim bimestral, veicula matérias que defendem o processo de alfabetização que dá às crianças a base fundamental para a formação de sua visão de mundo, de sua consciência e sua personalidade.

Este Boletim discute a questão de como podem ser estudados na escola os diferentes gêneros do discurso (Seção “De professor para professor”) e traz um exemplo de prática pedagógica em que a leitura e escrita de enunciados podem ser tratadas como formas de estabelecimento de relações entre as pessoas (Seção “Eu faço assim”).

Esperamos que nossos leitores façam deste Boletim o conteúdo de suas reflexões!

*<https://noticias.r7.com/educacao/indicadores-do-enem-evidenciam-diferencas-entre-escolas-publicas-e-privadas-avaliam-especialistas-22012024/>

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

OS GÊNEROS DE ENUNCIADO EM SALA DE AULA

Por Stela Miller

Quando conversamos com alguém, face a face ou por telefone (com ou sem vídeo), estamos engajados em um processo de trocas verbais em que a palavra de quem fala faz sempre um apelo ao que ouve e o provoca a dar uma resposta, ou seja, estamos mantendo uma ativa relação dialógica com nosso interlocutor (Bakhtin, 2018).

No campo da leitura de material escrito, estamos também em interação dialógica com nosso interlocutor, nesse caso, o autor do texto escrito, de quem estamos distantes no tempo e no espaço. Essa diferença em relação ao diálogo face a face reflete-se na resposta que pode ser, neste último caso, imediata, ou, o caso do leitor, sob a forma de linguagem interior, de reflexão, de reação emocional, etc. Todo autor deseja ter esse vínculo com seus interlocutores: também nós, quando assumimos o papel de autores, queremos provocar algum tipo de resposta naquele que é potencialmente nosso leitor.

Esse vínculo é estabelecido por meio de um enunciado - a unidade dialógica que mantém duas ou mais pessoas em intercâmbio verbal. “Em sua totalidade, o enunciado sempre é direcionado, tem um destinatário definido (o “leitor”, o “público” e suas diferenças por épocas) [...]” (Bakhtin, 2018, p. 116); há, pois, sempre a presença do Outro nessa relação dialógica entre falante/ouvinte, autor/leitor.

Um enunciado (falado ou escrito) dirigido a um interlocutor tem início como resposta a algo dado previamente – uma situação que vivenciamos momentaneamente, um enunciado ouvido ou lido por nós, um fato presenciado, um acontecimento em nível internacional, nacional ou local, uma emoção sentida, etc. O final, o acabamento desse enunciado não se dá no vazio, mas é delimitado pelo início do enunciado do Outro que é, efetivamente, uma resposta a ele. Como afirma Bakhtin (2018, p. 138, grifos no original), “...cada enunciado [...] participa do *intercâmbio social de ideias*, é uma unidade desse intercâmbio, é determinado por esse intercâmbio, que é dialógico por sua natureza”.

Como membros pertencentes a uma comunidade linguística, constituída social, histórica e culturalmente, lemos e escrevemos enunciados para nós mesmos e para os outros, como atos próprios de nosso cotidiano ou relativos a momentos especiais em nossas vidas.

São exemplos de atos de ler enunciados para nós mesmos: a leitura de jornais diários, de livros de literatura, e-mails, mensagens de WhatsApp, de contas a pagar, folhetos de propagandas das mais diversas naturezas, etc., e são exemplos de atos de ler para alguém a transmissão oral de enunciados já lidos – usualmente chamada de “leitura para o Outro” – por meio da qual compartilhamos nossas leituras com nosso interlocutor, como as leituras que representantes religiosos fazem a seus fiéis, que pais e professores fazem às crianças pequenas, etc. O projeto “Memórias literárias”, desenvolvido pela Professora Eliane Aparecida da Silva de Achilles e explicitado na seção “Eu faço assim” deste Boletim, ilustra bem casos como esses: pessoas convidadas por seus alunos de 2º ano do ensino fundamental fizeram leituras para eles, e eles, por sua vez, fizeram leituras para crianças pré-escolares. Todos esses casos são exemplos de leitura que se realiza como parte de nossas ações na relação com outras pessoas.

Na área da escrita de enunciados, são exemplos de atos de escrever para nós mesmos as anotações de auxílio à memória, como lista de compras, registros de telefones e endereços, compromissos anotados em agenda (quer física, quer virtual), etc., ou até mesmo a escrita de um diário pessoal – situações de vida que requerem registros escritos. Por outro lado, atos de escrita para o Outro são inúmeros, desde um simples bilhete até as publicações que os autores de enunciados fazem em revistas, jornais e livros.

São também exemplos de escrita para o Outro as produções dos alunos da Professora Eliane, citada antes. Enunciados como convites (em

diferentes tipos de suportes) e cartões de agradecimento foram por eles produzidos durante a realização do projeto de que tomaram parte ativa.

O caso da Professora Elaine é ilustrativo de como é possível a realização de um trabalho escolar que proporcione às crianças a experiência da linguagem em sua função social, da troca verbal com o outro, do diálogo, seja por meio da produção oral de enunciados, seja pela via da leitura de enunciados escritos e da produção escrita de enunciados, pois, de fato, “todo enunciado é dialógico, ou seja, é endereçado a outros, participa do processo de intercâmbio de ideias: é social”. (Bakhtin, 2016, p. 118).

Entretanto, nem sempre é assim conduzido o trabalho em sala de aula com os diferentes gêneros do enunciado. A tendência a considerar como objetivo principal desse trabalho o estudo, pela criança, da gramática dos diferentes gêneros de enunciados, aprendendo sobre eles, suas características e nomenclatura, de forma abstraída da realidade social em que são produzidos e veiculados, faz com que o mais relevante para a formação do educando, que é o desenvolvimento de sua capacidade de lidar com os diferentes gêneros de enunciados, em suas relações dialógicas com outras pessoas nas diferentes instâncias de sua existência, fique relegado a um plano secundário, quando deveria ser exatamente o oposto.

O objetivo central do ensino dos gêneros de enunciados deveria ser o de conduzir a criança à apropriação desses gêneros como diferentes formas de estabelecimento de intercâmbios verbais com as pessoas de suas relações ou potencialmente passíveis de se incorporarem a elas, como meio de desenvolvimento de seu pensamento, de compreensão de sua realidade e de realização de ações conscientes que objetivem sua intervenção crítica dentro dessa realidade. Em resumo, propiciar uma formação humanizada e humanizadora para a criança.

Porém, conhecer o que está “por trás” de cada gênero de enunciado – sua estrutura e forma de organização, recursos linguísticos e estilísticos – é também relevante, pois esses aspectos “são parte inseparável e necessária do enunciado” (Volóchinov, 2017, p. 229). Eles constituem o conteúdo dos objetivos secundários do trabalho com os gêneros de enunciado, sendo “secundários” entendidos aqui em

sua destinação de “secundar”, ajudar, apoiar, coadjuvar, criar condições para que uma ação seja feita.

Lembremos que o direcionamento (ou endereçamento) ao Outro é uma peculiaridade constitutiva do enunciado. Como afirma Bakhtin (2016, p. 68-69), “A língua como sistema tem uma imensa reserva de recursos puramente linguísticos para exprimir o direcionamento formal: recursos lexicais, morfológicos [...], sintáticos [...] Entretanto, eles só atingem o direcionamento real na totalidade de um enunciado concreto”.

Desse ponto de vista, a aprendizagem relativa aos diferentes gêneros de enunciados supõe o engajamento das crianças em projetos de escrita em que o primordial seja a produção de enunciados incorporados a uma situação de intercâmbio verbal com o Outro e, portanto, organização conjunta – professor-crianças - dos projetos em termos do planejamento de suas ações (incluindo previsão de destinatário, formas de divulgação e materiais de apoio), execução, veiculação do escrito e avaliação de todo o processo.

Concomitantemente, em ações coadjuvantes da produção escrita de enunciados, são postos para discussão e tomada de decisão os recursos da língua necessários à composição daquele gênero em processo de elaboração, incluindo uma revisão final do escrito antes de seu envio ao interlocutor previsto pelo projeto.

Desse modo, é possível desenvolver nas crianças a capacidade de compreender e produzir diferentes gêneros de enunciado, tornando-as aptas a tomarem as decisões mais adequadas sempre que estiver em jogo a necessidade de interagir com o Outro por meio de enunciados escritos.

Referências

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. 1.ed. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

EU FAÇO ASSIM

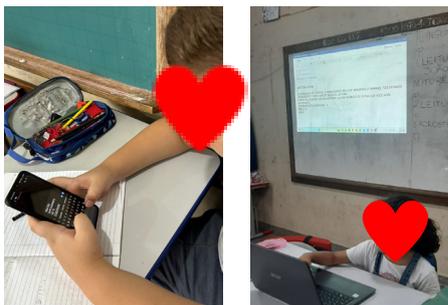
MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Por Eliane Aparecida da Silva de Achilles

A leitura é alvo de diversas discussões nas escolas, mas nem sempre o resultado vem da escuta ativa dos alunos. Durante o desenvolvimento do projeto que aqui relato, elegi meus alunos como protagonistas e propus vivências em que o encantamento fosse duradouro, com atenção à formação de condutas intelectuais próprias de bons leitores, objetivando que as crianças entendessem que os atos de ler são necessários na vida cotidiana.

O relato que segue refere-se a uma turma de 2º ano de uma escola municipal na cidade de Garça-SP. A minha leitura de uma história para minhas alunas e meus alunos, em voz alta, é prática diária. Nas rodas que eram feitas na sala de leitura da escola, durante os diálogos com as crianças, percebi que a importância da leitura no cotidiano era sempre destacada a partir do meu ponto de vista ou da professora intérprete de LIBRAS que me acompanhava. Repensando minha prática e tentando responder aos questionamentos das crianças, propus a elas que convidássemos leitores experientes que pudessem compartilhar a importância da leitura na vida deles e, assim, cada um poderia criar sua própria história no mundo da leitura e entender que o ato de ler não é a pronúncia ligeira de palavras.

Para convidar os leitores experientes, os alunos apresentaram várias ideias que utilizam para convidar as pessoas. Então, entendendo que a leitura é um ato social, não pude deixar de propor que não focássemos em apenas em um tipo de convite e, por isso, empregamos gêneros diferentes (bilhete, convite, mensagem, vídeo, SMS, etc.) para chamá-los à escola. Os textos eram elaborados coletivamente. Eles mesmos escreviam. Eu fazia a mediação para as correções necessárias durante o processo que tinha a real intenção de respeitar os princípios de uma alfabetização humanizadora.



Fonte: arquivo da autora.

Durante o projeto, os alunos também acharam necessário gravar um vídeo (convite), mas a LIBRAS deveria estar contemplada, já que faz parte do nosso dia a dia, porque temos uma aluna que pratica essa língua na sala.



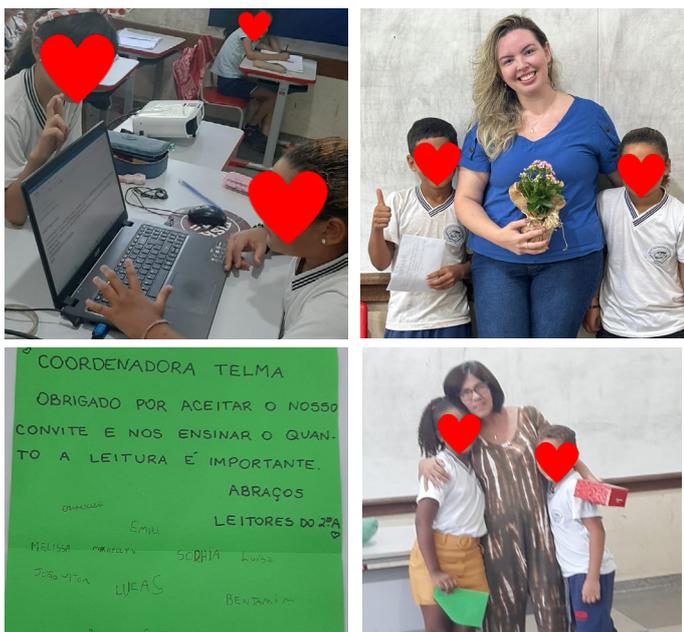
Fonte: arquivo da autora.

Cada convidado trazia um livro que tinha sido importante em sua infância, fazia a leitura para a turma e, em seguida, compartilhava suas memórias relacionadas a ele.



Fonte: arquivo da autora.

No dia da leitura, cada leitor convidado recebia um presente e um cartão de agradecimento que também foi planejado e elaborado pelas crianças. Elas criavam formas de escolher quais amigos fariam as entregas dos presentes e leitura em voz alta do cartão no dia da escuta da história.



Fonte: arquivo da autora.

Após receber o primeiro convidado, fizemos um momento de reflexão em sala, e cada criança pôde falar sobre o que aprendeu e o que sentiu nesse dia. Essa roda de conversa virou rotina e foi de extrema importância para perceber como um momento como esse é essencial para a formação do aluno leitor e de sua humanização. Decidimos que era necessário compartilhar esse momento fora da nossa sala, com outros alunos, professores e pais.



Com recursos digitais, criaram cartazes com fotos, frases e vídeos (com um código QR, os pais tinham acesso aos vídeos dos momentos com os leitores convidados) que mostravam os convidados compartilhando memórias que a leitura lhes havia proporcionado, além do impacto que a leitura tinha causado em sua formação humana.

Durante o projeto, a cada convidado que recebíamos, era notável o interesse dos alunos pelos livros que

todos eles compartilhavam. A forma como apresentavam servia de modelo para as atividades que realizávamos em sala. Isto evidencia que uma pessoa mais experiente provoca mudanças imediatas nas condutas da criança como leitora em formação.

A experiência era rica e não podia parar no compartilhamento. Como finalização do projeto, os alunos foram até uma escola de educação infantil fazer o papel que até então encantava a todos em sala: o de leitor.

Os leitores pequenos precisavam dessa vivência para consolidar todo o aprendizado, mas principalmente para mostrar que, apesar da idade, eles também já possuíam memórias literárias e podiam compartilhar a leitura com os pequenos ouvintes, com olhos encantados por aprender com alunos/professores, assim como eles aprendiam.

Venho, com este relato, mostrar apenas um pouco da minha preocupação com a formação dos meus alunos e das suas descobertas, de suas vivências e de nossa luta. Esta preocupação me põe em direção a uma alfabetização humanizadora.



Fonte: arquivo da autora.

Referência

BAJARD, Élie. *Eles leem, mas não compreendem: onde está o equívoco?* São Paulo: Editora Cortez, 2021.

MURAL

COMPARTILHANDO IDEIAS

Nascidos para ler no melhor lugar para se viver é um livro para bebês, para dar as boas vindas aos bebês e suas famílias à comunidade leitora de Parelheiros, zona sul da cidade de São Paulo. É fruto de uma iniciativa coletiva de um grupo da comunidade de Parelheiros com a contribuição do Instituto Emília - que atua na formação de leitores e promoção do livro e da leitura - e do Ibeac - que atua por uma cultura de direitos fortalecendo a cidadania participativa - que coordenaram o projeto. Com folhas resistentes, capa dura, fotos de bebês e versos curtos que falam da vida na perspectiva dos bebês, o “Nascidos para ler” se propõe a ser o primeiro livro do bebê. Mas, mais que isso, traz um roteiro de lugares para ler marcados no mapa de Parelheiros: escolas, bibliotecas, maternidade, hortas comunitárias, unidades básicas de saúde, e espaços em que se adotou a leitura (casas de história, ruas adotadas, territórios abraçados). Enfim, uma grande mobilização da comunidade que pode inspirar outras ações como esta.

LITERATURA NA RODA

O projeto SacoLê foi uma iniciativa de um coletivo de mulheres - @grupo.nosnomundo - que se encontram pra trocar vivências, discutir política, se apoiar e ler juntas. A partir de leituras sobre racismo e desigualdade, resolveram criar as SacoLês, compostas de livros infantis com personagens negras e indígenas, refletindo a cultura afro brasileira e indígena em sua potência, para que crianças brancas e negras se vejam e sejam vistas nessas histórias com textos e ilustrações em que elas se reconheçam. A curadoria foi feita por uma das integrantes, que analisou, no mestrado, livros infantis com personagens negras. Sete SacoLês – em breve 13 - estão circulando desde julho de 2022 e têm gerado resultados positivos pelos espaços por que passam. Cada uma possui 10 livros e “viaja” por espaços privados (na casa das pessoas) e públicos (escolas, escuta escolarizada, centros comunitários) por meio de empréstimo feito por um adulto que se interesse por mediar leitura para crianças.



DIÁLOGO COM LEITORES

Conheci o Boletim do NAHum no momento em que a equipe da secretaria da educação de Capinzal/SC buscava leituras que pudessem contribuir para uma abordagem de alfabetização discursiva e humana. A linguagem simples e direta, os relatos de experiência de sala de aula nas seções de “Professor para Professor” e “Eu Faço Assim” nos motivaram a discuti-lo nos encontros de formação de professoras alfabetizadoras da rede. Tenho o boletim como fonte de leitura, discussão e inspiração também no ensino superior com as turmas de Pedagogia da UNOESC, especialmente o boletim de outubro de 2022 em homenagem a Élie Bajard com o texto sobre a Cerimônia do Nome de Silvana Paulina de Souza. As dicas de vídeos e de leituras são ricos materiais que passei a compartilhar. Longa existência e resistência aos profissionais que fazem o Boletim e o NAHum acontecer!

Professora **Izolete dos Santos Riqueti** (Coord. Pedagógica SME Capinzal e Prof.^a UNOESC-Capinzal-SC).

FIQUE POR DENTRO

Bruno Gualano, autor do livro infantil lançado recentemente pela editora Moah, é um cientista de verdade: é professor da escola de Medicina, apaixonado pela ciência e pelo prazer da descoberta. Com seu primeiro livro infantil, “Bel, a Experimentadora”, visa ao letramento científico das crianças, porque acredita que, quando todas as crianças brasileiras tiverem a oportunidade de se apropriar do pensamento científico, percebendo seu poder transformador, teremos uma sociedade mais crítica e mais humanizada. Brincando de experimentar, Bel e seu gato Galileu vão trazendo a ciência – que, como parte da cultura, é patrimônio de toda a humanidade - para outras crianças, desfazendo preconceitos e criando curiosidade nos amigos pelo mundo de possibilidades que nos rodeiam e que vão muito além do celular. Com isso, Bel vai resgatando a atitude investigativa que - em condições naturais de vida, isto é, sem telas que atordoam e imobilizam - é tão própria das crianças.

O livro abre uma coletânea que deve trazer temas como mudanças climáticas e vacinas. Que viva a ciência!

